



Maria Aparecida e as filhas: 14 dos 32 alunos reprovados

Pais defendem tratamento diferenciado para alunos

A eficácia da repetência no processo de aprendizagem, que já foi unanimidade, agora divide a opinião dos pais. A enfermeira Nilze Dalmônico, do Brooklin, que tem um filho na escola pública, acha que a criança que não aprendeu tem de repetir, mas defende tratamento diferenciado para os alunos que começam a apresentar problemas a partir do segundo bimestre.

"Eles não devem ser avaliados só no final do ano", afirma. "Quando o professor percebe que um aluno vai mal, deveria dar a ele atenção especial." Já a dona de casa Doralice Fiuza Salles, da Freguesia do Ó, é taxativa. "Quando for mal na prova, não pode passar." Seus dois filhos estudam na rede estadual.

"O estudo já está tão fraco que seria pior não reprovar", sustenta a dona de casa Zilda Maria Correa, de São Caetano do Sul. "Se ele passar sabendo pouco vai ser pior depois." A aposentada Heloisa Helena dos Santos, de Santo André, não generaliza. "É preciso estudar caso a caso", pondera. "O estudante não pode ser avaliado só no final; o professor deve considerar o empenho, o comportamento e os trabalhos feitos ao longo do ano."

Aprovar o aluno não depende só da vontade do professor. Maria Aparecida de Souza, de Mauá, que o diga. Depois de um ano de trabalho, não pôde promover 14 dos 32 alunos. "O índice foi altíssimo", reconhece. "Muitos acabaram prejudicados porque tiveram de ser nivelados à média da classe."

Dificuldades — Para ela, a atual estrutura escolar é frágil e dificulta o trabalho. "Mesmo reconhecendo que hou-

ve avanço, não pude promover alguns alunos", explica. "Infelizmente, não é possível formar classes da mesma série com níveis diferenciados."

A professora Norma Barcelos da Silva, da Bela Vista, também aponta a estrutura escolar como a maior

aliada da repetência. "O grau de avanço individual não é considerado", salienta. "Professor e escola têm muita culpa na repetência porque reprovam pela média sem atentar para o fato de as classes serem heterogêneas."

O docente Roberto Rosas, de Pirituba, é contra a repetência. A redução dos índices, em sua opinião, depende de um trabalho de cidadania a partir da escola, com a participação da comunidade e das autoridades.

PROFESSORES
CRITICAM
ESTRUTURA
FRÁGIL